



GT 05. Antropologia da Biomedicina

Coordenador(es):

Jaqueline Teresinha Ferreira (Instituto de Estudos em Saúde coletiva)

Ednalva Maciel Neves (PPGA/UFPB)

Sessão 1 - Biosaberes e biopolíticas

Debatedor/a: Débora Allebrandt (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

Sessão 2 - Adoecimentos, sistemas e cuidados em saúde

Debatedor/a: Cíntia Liara Engel (UnB)

Sessão 3 - Narrativas de parto, violência obstétrica e outras afetações

Debatedor/a: Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Este Grupo de Trabalho dá continuidade ao diálogo iniciado na III Reunião de Antropologia da Saúde, realizada em Natal/2019, desvelando uma experiência rica de pesquisadores brasileiros que apresentaram etnografias com temas instigantes calcadas em técnicas de pesquisa já consagradas e /ou inusitadas e questões reflexivas de pesquisa. Assim, a proposta é ampliar e aprofundar essa discussão a partir de trabalhos etnográficos sobre a medicina ocidental, a biomedicina, como campo de investigação, envolvendo a produção de conhecimento e tecnologias biomédicas, assim como seus efeitos na experiência coletiva e pessoal. Desta forma, o enfoque é sobre a complexa trama contemporânea do bio: mercados, tecnológicas, interpretações, apropriação de saberes e práticas, direitos e ativismos. Dentre as reflexões, pensamos em dialogar acerca: construção do saber profissional sobre o corpo, definições sobre saúde e doença, questões éticas relacionadas às biotecnologias, cuidado humanizado, comportamentos dos/das pacientes em relação à busca de diagnósticos (testes genéticos, diagnósticos por imagens) e tratamentos (tecnologias reprodutivas, cuidados paliativos) relação médico/a-paciente e diálogos com outras racionalidades terapêuticas. Igualmente contamos com os aspectos políticos, econômicos e éticos que podem animar esses debates.

Notas etnográficas sobre corpo, gestação e parto de mulheres jovens em Marcelino Vieira/RN

Autoria: Marina Luzia Cesário de Queiros (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Este work aborda a temática corporalidade e mulheres, pensando por meio da experiência da gravidez a partir de um work de campo realizado no município de Marcelino Vieira/RN. A principal inquietação era entender como se dá a relação das mulheres com seus corpos, reconhecendo controle social sobre os corpos femininos, tidos como objetos e passíveis de intervenção no processo de maternidade, em particular na idealização do ser mãe enquanto vocação natural da mulher. Enfatizo que a maternidade é uma construção sociais, históricas e culturais, para além da visão biológica. Nosso foco é o entendimento da corporalidade por mulheres que foram mães jovens, considerando discurso médico e as possibilidades de tomada de decisão. Metodologicamente, foram realizadas 05 entrevistas etnográficas com mães entre 17 a 22 anos, no município de Marcelino Vieira/RN. O roteiro de entrevista interrogava sobre a percepção das mulheres com seus corpos, privilegiando as mudanças corporais no antes, durante e após a gestação/parto. As interlocutoras foram mães em média aos 17 anos, três delas moram com os companheiros/pais dos filhos e duas vivem com suas famílias de origem (avó e pais); uma trabalha, as outras dependem da renda dos companheiros, avó e pais; uma tem ensino fundamental completo, três ensino médio completo ou incompleto e uma formação superior



incompleta. Nos resultados, surgiram elementos relacionados também à escolha pelo parto e os sentimentos que envolvem a cesárea e sua cicatriz. As mulheres alegam que a gestação trouxe mudanças no corpo que alteram suas relações consigo mesmo. Os cuidados com o corpo mudam durante e depois a gestação, voltar a se sentir confortável e retomar os cuidados com o corpo torna-se um processo gradual que envolve acostumar-se com as mudanças ocorridas. Com relação a escolha do parto, as mulheres relataram que desejavam o parto normal, apenas uma havia decidido pelo parto cirúrgico, mas mudaram por recomendação médica. As mulheres divergem das recomendações, tendo em vista que não batiam com suas experiências com seu corpo. Elas descrevem o parto repleto de experiências negativas, estão associadas às sensações corporais, em particular a angústia e medo de morrer atribuídas à falta de informação e cuidado dos profissionais de saúde. A cicatriz do parto é para uma delas uma marca de ?realização?, enquanto para as outras motiva sentimentos variados, desde emoções à baixa autoestima. É perceptível que a gravidez realiza transformações nos corpos femininos, tanto físico quanto na percepção de si e das cobranças sociais. Mostrando assim que a maternidade romantizada e ligada à reprodução/gênero não condiz com a experiência das mulheres, visto que é permeada por sofrimentos, imposições médicas e arrependimentos.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: